

## A falácia da teoria da Experiência de Wilfrid Sellars a partir de uma noção etológica evolutiva

### *The fallacy of the theory of Experience by Wilfrid Sellars from an evolutionary ethological view*

Heloísa Allgayer\*

Rafael Francisco Hiller\*\*

Recebido em: 11/2015

Aprovado em: 12/2015

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo argumentar em defesa da hipótese da não necessidade conceitual (entendido enquanto um aparato sógnico exclusivamente humano) para uma experiência perceptiva e consciente da realidade, bem como trazer argumentos contrários a teoria da experiência defendida por Wilfrid Sellars (uma teoria conceitualista, isto é, essencialmente antropocentrista da experiência perceptiva e consciente da realidade). Para a defesa de nossa hipótese, nos utilizamos de estudos realizados na área de etologia, bem como argumentos da grande área da biologia. Entendemos que os resultados de pesquisas atuais em tais áreas colocam em cheque grande parte da teoria da experiência desenvolvida por Sellars, teoria esta que se torna obsoleta devido ao avanço científico, mas que ainda, de modo contínuo, causam discussões intermináveis do âmbito da filosofia. A teoria da experiência de Sellars cai em descrédito no momento em que assumimos a teoria da evolução moderna como verdade. Apontaremos casos em que se pode constatar a ocorrência da percepção consciente em primatas, grupo esse escolhido devido à proximidade genética.

**Palavras – chave:** Percepção, primatas, etologia.

**Abstract:** This article intends to argue in defense of the hypothesis of no conceptual necessity (understood as an exclusively human signicapparatus) for a perceptive and conscious experience of reality and bring arguments against the theory of experience defended by Wilfrid Sellars (one

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.

\*\* Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.

Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3(2015), p 24-41 ISSN 2236-8612

doi:HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.26410

*conceptualist theory, ie essentially anthropocentric and conscious perceptual experience of reality). To the defense of our hypothesis, we used the studies in the field of ethology, as well as arguments the area of biology. We understand that the results of current research in these areas calls into question much of the theory of experience developed by Sellars, a theory which becomes obsolete due to scientific advances, but also continuously, causing endless discussions of the scope of philosophy. The theory of experience Sellars falls into disrepute when we assume the theory of evolution as true. Will point out where you can observe the occurrence of conscious perception in primates, this group chosen due to genetic proximity.*

**Keywords:** Perception, primates, ethology

### **Introdução**

Este artigo visa argumentar em favor de bases não-conceitualistas para as experiências perceptivas e conscientes da realidade na espécie *Homo sapiens*, bem como também trazer argumentos contrários a teoria da experiência de Wilfrid Sellars. A fim de desenvolvermos tal trabalho, elucidaremos de forma sucinta o que diferencia essas duas abordagens na filosofia da mente. Em seguida, iremos expor a teoria da experiência desenvolvida por Sellars. Para argumentarmos em favor de um não-conceitualismo nos utilizaremos essencialmente da etologia fundamentada na teoria da evolução. Partimos do princípio que o homem compartilha um ancestral comum com os outros indivíduos da ordem *Primates*, ordem essa que tem como característica ser do tipo monofilética. Nesse sentido, muitas características devem ser compartilhadas entre os humanos e os primatas não-humanos. Entendemos que a percepção deve ser necessariamente compartilhada com as espécies pertencentes a tal ordem, a fim de se verificar a possível existência de semelhanças e diferenças.

### **A teoria da experiência de Wilfrid Sellars**

A teoria de Sellars mostra-se de grande relevância para os pensadores de inspiração conceitualista, no momento em que seu projeto é ampliado no sentido de revelar uma crítica a “*datidade*” realizada no seu ensaio intitulado: *Empirismo e filosofia da mente*. Sellars, para objetivar seu empreendimento,

utiliza-se tanto do mito do dado quanto do mito de Jones, dois dos seus exemplos mais clássicos. Com o intuito de interar o leitor a respeito de alguns aspectos centrais da sua teoria experiência, a seguir segue a explicação dos seus tão famosos exemplos.

O senso comum afirma que o mundo tem uma estrutura que é de simples e de fácil acesso aos sentidos, e que tal estrutura chega até as nossas mentes sem nenhum tipo de desvio, interferência e sem o auxílio de nenhum aparato linguístico. Tal posicionamento é visto por Sellars como um posicionamento ingênuo, chamado mito do dado, teoria a qual Sellars, além de ser contrário, afirma ser insustentável. A crítica de Sellars em um primeiro momento se refere aos autores que aceitam tal teoria, teoria do dado, formas que juntas corresponderiam a “*datidade*”. A “*datidade*”, segundo Sellars, apresenta-se de muitas formas, a principal delas seria o fato de que o conhecimento empírico se sustenta através de um fundamento e que suas características mentais são aspectos indispensáveis da experiência, tanto naquilo que se refere à lógica como também a todos os conceitos intersubjetivos que devem pertencer a episódios privados do sujeito. Sellars critica três formas do Dado. Explicarei os mesmos abaixo.

A primeira forma do Dado que Sellars critica é a versão ontológica. Tal versão se assenta em uma espécie de pensamento transcendental de mundo, que independe do sujeito, ou por alguma espécie de razão *a priori*, possui uma estrutura imóvel. Segundo Sellars, o mundo seria constituído por tipos diferentes de entidades como gatos, mesas, livros. Sellars afirma que nesta forma de Mito o mundo seria composto de fatos “dados” elementos que abrigariam objetos, propriedades destes e relações entre ambos. O mundo teria autonomia sobre o sujeito, não dependeria dele. A versão epistêmica da forma do Dado, pensada por Sellars, afirma que a estrutura do mundo se impõem sobre a mente do sujeito. Ou seja, se alguém está percebendo, por exemplo, uma cadeira azul, ele necessariamente está vendo uma cadeira azul. Segue uma síntese do trecho de Sellars:

Se um indivíduo está consciente de um objeto que de fato tem o estado categorial A, então ele estará ciente deste objeto como detendo o estado categorial A. Se aceita que esta consciência discriminatória do objeto do tipo A foi causada por aquele objeto do tipo A. Omundo

faria causalmente conhecimento de si mesmo como um mundo de certo tipo. Tal forma de produção de conhecimento seria uma característica necessária a priori daquele estado de consciência epistêmico. O mundo produziria conhecimento sem a contribuição ativa do sujeito. Estes estados epistêmicos se chamariam auto-verificáveis ou auto-autenticáveis. (SELLARS, p.123.1980)

A versão semântica de proposta por Sellars pode ser resumida com a seguinte sentença: Há uma linguagem *a priori* que é insubstituível para descrever o mundo. Sendo assim pode dar como exemplo a seguinte questão: o termo observacional “cavalo” teria o seu significado e referência em qual assim: Cavalos particulares nos permitiriam sensações não cognitivas que nos dariam semelhanças retiradas dos cavalos. Tais sensações pertenceriam ao tipo-cavalo em um sentido abstrato. A palavra cavalo ou “horse” em inglês seria garantida por esta definição, ao dar conta de uma conexão semântica desses cavalos com a classe de sensações emitidas por estes cavalos.

Sellars, após desenvolver críticas centrais aos Mitos descritos acima, quer nos auxiliar a rejeitar as características do Mito e afirmar a existência de “pensamentos” e “sensações” com episódios de cunho privado que são estruturados através de objetos e comportamentos que são observações externas do sujeito. Tal teoria seria desenvolvida através do chamado Mito de Jones.

Sellars, na segunda parte do seu livro *Empirismo*, desenvolve uma espécie de alegoria. Tal alegoria se desenvolve da seguinte maneira: Quando os Ryleanos tentavam de todas as formas explicar um comportamento, tal como a raiva seus artefatos, apenas se reduziam a um grupo limitado de termos disposicionais- p.ex. “mal-humorado”- tais exemplos seriam definidos a fim de explicar determinado comportamento- neste caso em questão a raiva. Mas o fato é que esses conceitos operacionais limitavam as inúmeras atividades humanas que, através disso, poderiam ser explicadas. É então que Jones surge caracterizado como um gênio teórico, que propôs a teoria da existência de episódios de fala privados, os chamados “pensamentos”, por sinal, muito semelhantes à estrutura observacional dos chamados termos disposicionais. Os seguintes episódios privados seriam identificados como detentores das

propriedades semânticas e lógicas que os seus análogos linguísticos.

As sensações, na teoria proposta por Jones, seriam caracterizadas como tipos de percepções privadas possuidoras da capacidade de causar ação e cognição, mesmo na ausência de seus pares observáveis. A teoria de Jones tinha como objetivo estabelecer uma relação entre as pessoas e as proposições que apresentavam episódios privados de pensamento.

A teoria de Jones faria com que seus descendentes, os filósofos, possuíssem a compreensão que as suas atitudes proposicionais relacionar-se-iam umas com as outras em diferentes e complexas relações lógicas de vinculação, implicação e também em dependência inferencial. A proposta teórica de Jones se insere no âmbito do realismo de Sellars, onde podemos encontrar o enfoque causal das teorias a respeito da percepção. O sentido das impressões sensoriais será possível, pois as impressões atuariam como se fossem construções teóricas das nossas teorias científicas.

Como referido, anteriormente procuramos com este artigo trazer argumentos contrários à teoria da experiência desenvolvida por Wilfrid Sellars. O autor em questão aborda de forma profunda e original a filosofia Kantiana. Um dos principais pontos trabalhados por Sellars da teoria kantiana é o tratamento que Kant despense para a noção de intuição (CRP, B74). Segundo Kant:

Intuições e conceitos constituem, pois, os elementos de toda nossa cognição, de modo que nem conceitos sem intuições correspondentes a eles de certa maneira correspondente a eles nem intuições sem conceitos podem fornecer uma cognição. [...] Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas. Portanto, é tão necessário fazer dos conceitos mentais conceitos sensíveis – quer dizer, acrescentar-lhes o objeto a eles numa intuição – como fazer de nossas intuições compreensíveis – quer dizer, pô-las sob conceitos. Essas duas faculdades, ou capacidades, não podem trocar suas funções. O entendimento não pode nada intuir, e os sentidos nada podem pensar. Somente de sua unificação é que a cognição pode surgir (CRP, A50-51/B74-76)

Sellars observa que Kant introduz uma dicotomia intuição-conceito, sensibilidade e entendimento (CRP, A93, B125), servindo de meio reflexivo para mostrar a oposição entre

a receptividade e espontaneidade, mas essa simplória caracterização não é suficiente segundo Sellars.

Sellars, diferentemente de Kant, propõem a distinção entre intuições e conceitos – a saber, que uma determinada intuição é uma representação imediata e singular de um determinado indivíduo, e um conceito é apenas uma representação mais geral que da conta de uma classe de indivíduos através de inúmeras marcas de distinção. Sellars afirma que poderíamos dizer que a intuição é um tipo de conceito que apreende em seu escopo apenas um único indivíduo, não na forma de uma descrição definida, mas na forma de um pronome demonstrativo “isto”. Desta forma, uma intuição, por exemplo, sustentaria a forma “isto triângulo” ou “isto triângulo amarelo”, sendo o seu caráter manifestamente conceitual, mesmo que ainda não fosse um juízo do como “isto é um triângulo”.

It might be concluded from this last point that the concept of the impression of a red triangle is a "purely formal" concept, the concept of a "logical form" which can acquire "content only by means of "ostensive definition." One can see why a philosopher might want to say this, and why he might conclude that in so far as concepts pertaining to immediate experiences are intersubjective, they are "purely structural," the "content" of immediate experience being incommunicable. Yet this line of thought is but another expression of the Myth of the given. For the theoretical concept of the impression of a red triangle would be no more and no less "without content" than any theoretical concept. And while, like these, it must belong to a framework which is logically connected with the language of observable fact, the logical relation between a theoretical language and the language of observable fact has nothing to do with the epistemological fiction of an "ostensive definition." (SELLARS, 1991, p.193)

Desta forma, na leitura de Sellars podemos entender como, para Kant, a intuição pode vir a representar ou dar-nos determinado objeto. Isto é possível, pois esse objeto não é recebido de forma passível em nossa sensibilidade, mas é resultante de uma síntese da imaginação (CRP, A76, B102-103), sem a qual não teríamos a capacidade de representar um objeto, pelo contrário, estaríamos aprisionados ao reino das sensações que nos fogem a todo o momento.

Sejam quais forem o modo e os meios pelos quais um conhecimento se possa referir a objetos, é pela intuição que se relaciona imediatamente com estes e ela é o fim para o qual tende, como meio, todo o pensamento. Esta intuição

[...], só é possível, [pelo menos para nós homens], se o objeto afetar o espírito de certa maneira. A capacidade de receber representações (receptividade), graças a maneira como somos afetados pelos objetos, denomina-se sensibilidade (CRP, A19, B32).

A exposição acima, por ser muito resumida, ainda não nos esclarece qual a importância da sensibilidade em seu papel receptivo para com a experiência. Segundo Kant, sem ela os conceitos seriam “vazios” e o entendimento não conseguiria atuar. Sellars, em sua teoria da experiência, se refere à mesma problemática. A solução para Sellars, assim como para Kant, é uma espécie de dualismo de componentes: Toda e qualquer experiência contém um componente proposicional, isto é, que envolve o uso de conceitos, e outro componente que Sellars denomina de “descritivo” que não é conceitual. Por exemplo, seu eu realizo uma experiência visual de “isto-triângulo-verde, ocorre um sentido em que essa experiência envolve pensar “isto” como um triângulo verde. No entanto, para que a experiência não seja reduzida a um simples pensar, outra característica deve se fazer presente: Alguma coisa deve ser sentida, isto é, de alguma forma meu aparelho receptivo foi convocado a fornecer uma característica da experiência visual que transcenda o simples pensar. É necessário que um triângulo verde esteja presente efetivamente à consciência, e não meramente pensado. Essa presença é sustentada pelo o existir de sensações.

Para Sellars, a sensação não deve ser vista enquanto um item à parte com a qual a nossa consciência consiga entrar em alguma relação. Sellars possui uma teoria conceitualista da sensação: Segundo o autor, o fato de afirmar que possuo uma sensação visual de superfície azul não quer dizer que exista uma impressão de uma superfície azul no interior da minha mente com a qual eu nutro contato, mas sim que eu tenho uma sensação do azul (“sinto azulmente”). Para Sellars deveríamos explicar o porquê nutrimos sensações de azul em algumas ocasiões e de verde em outras- é justamente neste ponto em que o uso de entidades como “impressões sensíveis” mostra-se

eficaz. Tais entidades não são de forma alguma acessíveis a nossa consciência, e são acionadas, segundo Sellars, como entidades de fundo teórico e não observáveis que agem como pólos de ligação entre os nossos estados de percepção consciente e choque de processos empíricos sobre os nossos aparatos sensitivos. As mesmas em si próprias não possuem cores e nem possuem formas geométricas, pelas quais poderiam guiar “externamente” a construção da imaginação em um processo de síntese, sem que fossem adicionadas de alguma forma ao resultado final.

Sellars considera a existência de elementos não-conceituais na constituição de nossa experiência, mas considera-os apenas enquanto fatores externos que conduzem à síntese, os mesmos, segundo o autor, não se apresentam enquanto componentes em seu resultado. Tal posicionamento que Sellars adota a respeito da experiência apresenta-se como uma teoria autenticamente conceitualista, para a qual não ocorre nenhuma representação cognitiva do mundo que prescindia da operação conceitual.

A teoria de Sellars surge como uma referência no que tange à hipótese conceitualista de percepção. Tal hipótese apresenta-se neste trabalho enquanto eixo referencial da base da teoria da experiência que desejamos objetar neste artigo. Nos capítulos seguintes seguimos nossos referências teóricos bem como os nossos argumentos contrários a teoria da experiência defendida por Sellars.

### ***Os primatas***

Um grupo de animais que recentemente chama a atenção dos etólogos e da comunidade científica em geral, pela grande semelhança biológica com os seres humanos, são os primatas. O homem, *Homo sapiens*, faz parte desta ordem zoológica (Primates). Os primatas não são animais notáveis para as pesquisas científicas apenas por nutrirem uma vida social extremamente complexa, mas por terem como característica predominante uma larga flexibilidade de conduta, aliado a um grande período de imaturidade e de dependência biológica para com seus congêneres.

As pesquisas acerca das características sistemáticas em torno do comportamento dos primatas são um desenvolvimento

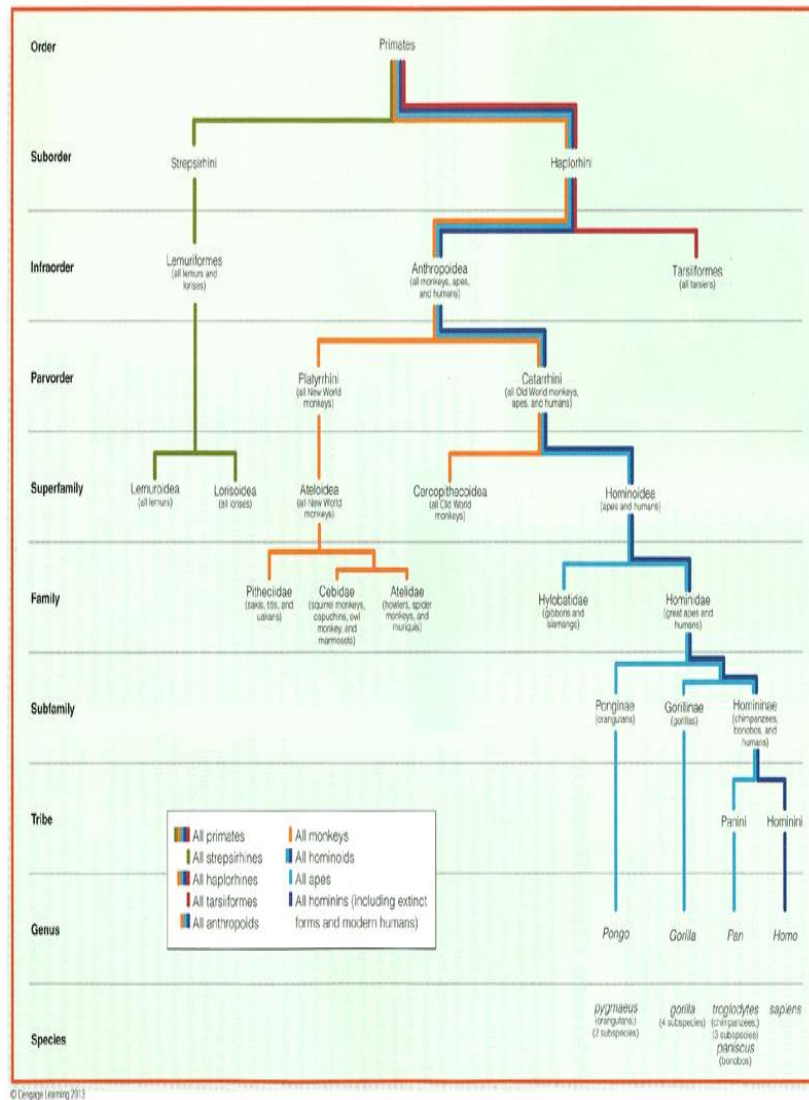


recente, isto é, começaram a ser desenvolvidos no final dos anos 30. São inúmeras as observações descritivas sobre a anatomia dos primatas e outras de características mais gerais, realizadas por naturalistas europeus nos séculos XVIII e XIX. Tais observações nutrem uma grande distância das pesquisas realizadas recentemente, que em grande medida realizam pesquisas a respeito da distribuição geográfica de tal grupo animal.

Apenas no ano de 1935 realizaram-se estudos sistemáticos de primatas. Foram analisados os *Alouattapalliata* (Gray, 1849)<sup>1</sup> da ilha de Barro Colorado, localizado no Canal do Panamá. As pesquisas foram realizadas pelo psicólogo C. R. Carpenter, que desenvolveu o primeiro estudo sistemático sobre o comportamento de primatas, estudos esses, que foram interrompidos anos depois e voltaram à ativa a partir da década de 70, com uma gama de investigações a respeito de primatas africanos realizadas pelos primatólogos S. L. Washburn e I. DeVore.

Nas últimas três décadas temos testemunhado um grande crescimento no número de estudos e de espécies estudadas, não apenas em laboratório, mas também em campo. Este crescimento deve-se à necessária revisão de dados ecológicos e etológicos a respeito deste grupo zoológico e também a conservação ambiental do mesmo. Este interesse também está relacionado pelo descobrimento do grande valor que os primatas possuem como modelos para compreender aspectos de fundamental importância da conduta animal e humana.

Os psicólogos estudam os primatas em cativeiro sob condições controladas. Estes estudos estão focados, no que se refere ao entendimento de processos psicológicos, relacionados à memória, à aprendizagem e ao condicionamento, bem como à descrição dos processos sociais, que durante o desenvolvimento, facilitam a manifestação do comportamento social. Uma grande gama de estudos tem ocorrido com animais isolados e outra grande parte se tem feito com animais vivendo em grupos sociais em cativeiros.



**Fig. 1:** Árvore filogenética dos primatas. Fonte: <http://www.d.umn.edu/cla/faculty/troufs/anth1602/apes.html>

Os estudos do comportamento de populações naturais de primatas são de grande estima para a compreensão do valor adaptativo do comportamento, e das condições ecológicas dos ecossistemas em que tais animais se encontram. Com o objetivo de prover um marco referencial, que adiante permitirá compreender características importantes do saber etológico, apresentaremos a seguir alguns antecedentes históricos de fundamental importância para este grupo animal.

### **A história evolutiva**

Os primatas são uma ordem zoológica a qual pertencem à subordem dos Prossímios<sup>2</sup>, tais primatas são encontrados no mundo novo. Já no velho mundo são encontradas os gêneros da Família Hominidea como: *Pongo* (orangotango de Sumatra e orangotango de Bornéu), *Pan* (chimpanzés e bonobos), *Gorilla* (Gorila do ocidente e Gorila do oriente) e o *Homo* (*Homo Sapiens* é a única espécie pertencente ao gênero). A família Hominidae é conhecida também como primatas superiores (*Greatapes*) e a relação que este mantém entre si, no nível filogenético, anatômico, fisiológico e comportamental é muito próxima, devido a uma ascendência comum durante o processo evolutivo.

A história evolutiva dos primatas é bastante antiga. Os registros paleontológicos referem-se à existência dos primeiros primatas a 70 milhões de anos atrás. Durante as fases iniciais de sua evolução, os primatas eram de tamanhos bem pequenos e arcaicos. Mantinham um esqueleto quase sem nenhuma alteração, quase idênticos aos prossímios da atualidade. De forma gradual, estes primatas se diversificaram em diversas famílias como resultado do isolamento em distintas zonas geográficas do planeta. Tais primatas nasciam através de uma gestação cada vez mais demorada, e, devido a isso, necessitavam de um grande cuidado materno.

Há 50 milhões de anos surgiram nos primatas à tendência de alongar e aumentar o volume do cérebro, bem como o deslocamento das órbitas dos seus olhos para a parte frontal de seu rosto. Esta tendência produziria a visão binocular, o que permitiria ao indivíduo a percepção do espaço em três dimensões, isto é, a visão em perspectiva. Este fato levou ao aumento do número de neurônios e dos níveis de percepções e de associações nos hemisférios cerebrais, dotando assim os primatas de percepção inédita até o momento: uma capacidade de compreender o espaço e o tempo coordenados na memória. Os primatas se destacaram pelo seu organismo arcaico e infantil e pela precocidade derivada do seu desenvolvimento cerebral. Foram destes primatas que se originaram os primatas atuais.

Os primeiros Hominídeos surgiram cerca de 14 milhões de anos na África e mais tarde na Ásia (oito milhões de anos), com outro tipo de locomoção, caracterizado por uma postura ereta,

propiciando assim a liberdade do uso das mãos. Durante a sua extensão evolutiva, os hominídeos, representados por vários gêneros e espécies extinguíram-se as espécies asiáticas e mantiveram-se as africanas; sofreram inúmeras modificações em sua forma anatômica, como por exemplo, a redução do tamanho do aparato dental (incluindo os caninos), o alongamento e um maior volume cerebral, o aperfeiçoamento da postura ereta e a locomoção bípede. Comportamentos considerados importantes foram a dependência da caça, a coleta de alimentos, a manufatura de artefatos, o uso do fogo e a linguagem simbólica.

### ***A linguagem***

Especificamente no caso da evolução da linguagem falada, pode-se supor que este era um traço essencial que diferenciava o homem do resto dos animais. No entanto, as evidências etológicas apontam a certos traços no comportamento da oralidade de outras espécies semelhantes a alguns processos subjacentes aos nossos sistemas de comunicação oral. Os estudos de gravações de sons emitidos por animais e reproduzidos para realizar a compreensão de suas respostas, assinalam que as variações nas emissões orais podem indicar o sexo do emissor, o grupo a qual o mesmo pertence e muitos outros aspectos de suas relações sociais.

Por exemplo, nos macacos japoneses, as mães mostram respostas seletivas referentes às gravações emitidas de indivíduos jovens; as mesmas respondem mais vigorosamente ao chamado de suas crias do que a outros filhotes que não os seus. Nos *Macaca mulatta* da Índia, os jovens respondem mais ao chamado de sua mãe do que ao chamado de outras fêmeas. Muitos experimentos com chimpanzés demonstram que os indivíduos são capazes de discriminar entre as vozes de animais conhecidos e estranhos, e entre machos e fêmeas. Entre os animais do gênero *Cercocebus* da África, os grupos respondem de modo seletivo às diferenças presentes nas vozes emitidas por machos de diferentes grupos. É de se esperar que os primatas sendo animais inteligentes, possuidores de um grande período de vida e intensamente sociáveis, aprendam a associar características vocais com outros indivíduos de importância social. Isto é semelhante aos elementos paralinguísticos da linguagem humana, justamente aquilo que nos serve enquanto

parâmetro para identificarmos a idade, o sexo e a procedência de uma pessoa.

Um dos focos tradicionais no estudo da comunicação dos primatas sustenta que, a comunicação ocorre basicamente na transmissão de estados emotivos e que é pouco o que os primatas podem comunicar a respeito de eventos ou de objetos externos nas características genuínas da linguagem humana. No entanto, provas encontradas no trabalho de campo têm mudado de forma incisiva este ponto de vista.

Os *Chlorocebuspygerythrus* africanos emitem sinais de alarme que indicam o tipo determinado de predadores que os estão ameaçando (carnívoros como leões, aéreos como águias; ou rastejantes como cobras) aos outros membros do grupo social do qual fazem parte. Além do que, cada tipo de vocalização está associada a uma resposta de fuga adequada. Por exemplo, quando os macacos estão no chão, um sinal de ameaça de leopardos fazem com que os *Chlorocebuspygerythrus* subam de imediato nas árvores, enquanto que sinais indicadores de proximidade de uma cobra fazem com que os primatas examinem visualmente o solo. Estas respostas não podem se distinguir daquelas que são provocadas em campo por meio de gravações dos sinais, mesmo que o predador esteja ausente e sem importar a idade ou sexo do emissor. Esta forma de comunicar uma determinada informação a respeito do ambiente é muito próxima ao ato de determinação dos homens na linguagem humana.

Outra grande gama de experimentos com gravações de grunhidos leves emitidos por membros de um determinado grupo social de *Chlorocebuspygerythrus*, ao comunicarem-se entre si, produzem respostas diferentes nos indivíduos, independente do contexto em que essas comunicações foram feitas. Em outros estudos foram identificados cinco tipos de vocalização acusticamente diferentes, usadas pelos *Macacamulatta* para solicitar ajuda dos seus aliados contra oponentes de atitudes agressivas. Uma análise dos contextos sociais nos quais as vocalizações ocorreram mostram que cada grito transmitia uma mensagem diferente dependendo do oponente: Se era dominante ou subordinado ou se era parente ou não do emissor.

A existência de dialetos, a importância da aprendizagem e a tradição social nos sistemas vocais dos primatas também têm sido estudados. Por exemplo, grupo de macacos japoneses que

vivem em localidades distintas, enfrentando diversos perigos emitem sinais com significado codificados que unicamente podem ser identificadas por grupos específicos de determinadas localidades.

Outra similitude com a linguagem humana, em um nível de complexidade mais profunda, tem sido observada por investigadores no caso da comunicação vocal dos *Saguinus* sulamericanos. Na selva, os *Saguinus* repetem sons para formar frases e combinam as mesmas para formar sequências especiais. Gravações de diferentes sequências provocam reações diferentes nos indivíduos desta espécie.

Não se trata de equivaler à fala humana a fala dos macacos, mas chamar a atenção sobre o eixo de que tais vocalizações são bem mais complexas do que os epistemólogos pensam que são, tanto no que tange ao tipo de informações transmitidas, como pelos processos de decodificação usados.

As vocalizações emitidas pelos primatas possuem bases neuronais fortemente demonstradas. Antes se pensava que o cérebro interno (o sistema límbico), encarregado das manifestações das emoções, era também fonte destes sinais. No entanto, evidências recentes neurofisiológicas e neuroanatômicas demonstram bases voluntárias dependentes do córtex cerebral para a produção de sinais vocais nos primatas. Na fala humana parece existir também uma assimetria funcional entre os hemisférios cerebrais em relação às análises auditivas e a produção de sinais vocais.

Em um trabalho bem famoso no campo da neurologia clínica compreende-se que lesões cerebrais nos hemisférios cerebrais, em particular no lado esquerdo, afetam diretamente aspectos da fala e podem suprimi-la por completo. Isto tem sido observado em primatas utilizados, enquanto modelos experimentais. Quando estes primatas possuem lesões em determinadas áreas do cérebro são eliminadas por completo certas vocalizações. Danos feitos nestas mesmas regiões do cérebro produzem no homem deficiência na geração espontânea da fala. Experimentos neurológicos comparativos indicam que, nos humanos, uma porção considerável do neocórtex lateral desempenha uma função essencial na produção e compreensão da fala. Lesões nestas, áreas tanto nos homens quanto nos outros primatas, produzem sequências de sons ininteligíveis para seus congêneres.

### ***Considerações Finais***

Para Wood *et al.* (2007) uma característica central da percepção humana é a capacidade de ler as consequências de um determinado comportamento em um determinado ambiente. Os seres humanos, ao observarem uma determinada ação, fazem inferências sobre seus objetivos e intenções. Segundo Rizzolatti *et al.* (2001) e Call *et al.* (2004), através dos estudos comportamentais e neurofisiológicos, foi possível observar que os primatas não-humanos percebem detalhes sutis das propriedades das ações, sendo incluídas as variações dos gestos utilizados para se chegar a um determinado objetivo. Através dos estudos realizados por Call *et al.* (2004) e Hauser *et al.* (2003), os primatas não-humanos podem ir além das meras consequências das ações, tendo a capacidade de distinguir a intencionalidade das ações acidentais.

Através do estudo de Wood *et al.* (2007), podemos concluir que a capacidade de percepção é independente de conceitos linguísticos próprios da espécie *Homo sapiens*. A capacidade de percepção surge antes do surgimento da linguagem conhecida. É possível fazer tal afirmação, pois no trabalho realizado por Wood *et al.* (2007), foi realizado um experimento em laboratório com primatas do novo mundo<sup>3</sup> e do velho mundo<sup>4</sup>. A separação filogenética entre esses primatas ocorreu a cerca de 25 milhões de anos. Através do experimento controlado foi possível perceber que ambos possuem a capacidade perceptiva, ou seja, tal capacidade surgiu, no mínimo, há 25 milhões de anos. Tendo em vista que esses animais possuem um ancestral comum com o homem, o *Homo sapiens* contudo, surge apenas a 195.000 anos (University of Utah, 2005), possuindo a capacidade perceptiva primitiva herdada independente de conceitos formais.

Os estudos comparados da etologia animal, sem dúvida, nos ajudam a interpretar melhor nossos comportamentos ao aprofundarmos em suas bases biológicas e em suas origens. No entanto, é considerável o significado científico e filosófico destes estudos, pois se chocam às vezes com a ideia vulgar que a princípio se nutre a respeito dos nossos companheiros zoológicos e com as tradições existentes na filosofia e na sociologia que rechaçam as explicações biológicas do comportamento humano.

O conceitualismo muitas vezes afasta o ser humano da esfera da vida, colocando-o como uma espécie de entidade acima das outras espécies. Isso fica claro nos inúmeros discursos filosóficos que falam em homens e animais, como se o primeiro não pertencesse ao segundo. A exclusão das explicações biológicas do comportamento humano por parte das ciências humanas surge como uma espécie de deficiência no que tange ao trato de temas científicos .

### **Referências**

- CALL, J.; HARE, B.; CARPENTER, M.; TOMASELLO, M. 'Unwilling' versus 'unable': chimpanzees' understanding of human intentional action. **Developmental Science**, Vol 7, N. 1, Pp. 488 – 498, 2004, DOI: 10.1111/j.1467-7687.2004.00368.
- HAUSER, M. D.; CHEN, M. K.; CHEN, F.; CHUANG, E. Give unto others: genetically unrelated cotton-top tamarin monkeys preferentially give food to those who altruistically give food back. **Proc. R. Soc. Lond.**, Vol 270, N. 1531, Pp 2363 – 2370, 2003. doi: 10.1098/rspb.2003.2509 B.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- RIZZOLATI, G.; FOGASSI, L.; GALESSE, V. Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action. **Nature Reviews Neuroscience**, Vol: 2, N. 1, Pp. 661 – 670, 2001, DOI: 10.1038/35090060.
- SELLARS, W. **Empiricism and the philosophy of mind**. In: Sellars, W. *Science, Perception and Reality* . Hypertext by Andrew Chrucky: <http://www.ditext.com/sellars/psim.html>
- \_\_\_\_\_. *Philosophy And The Scientific Image Of Man*. In: **Frontiers of Science and Philosophy**, edited by Robert Colodny (Un. of Pittsburgh Press, 1962): 35-78. Reprinted in *Science, Perception and Reality* (1963). Hypertext by Andrew Chrucky, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ciência Percepción y Realidad**. Madrid: Editorial Tecnos, 1971, Tradução de Victor Sanchez de Zavala.
- \_\_\_\_\_. *La filosofía y la imagen científica del hombre*. In: Sellars, W. **Ciência Percepción y Realidad**. Madrid: Editorial Tecnos, 1971, Trad. Victor S. de Zavala. pp. 9-49.



- \_\_\_\_\_. Ser y ser objeto de conocimiento. In: Sellars, W. **Ciência Percepción y Realidad**. Madrid:Editorial Tecnos, 1971, Trad. Victor S. de Zavala. pp. 50-69.
- \_\_\_\_\_. Empiricism and the philosophy of mind. In: DeVries, Willem; Triplet, Tim. **Knowledge, Mind and the Given**. Indianapolis: Hackett Publishing Co., 2000. pp. 205-276.
- \_\_\_\_\_. **Empirismo e a Filosofia da Mente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008 (Coleção Epistemologia), Tradução de Sofia I. A. Stein, pp. 23-119.
- \_\_\_\_\_. **Science and Metaphysics, Variations on Kantian Themes**. New York Humanities Press, 1968 ; p.1. <http://www.ditext.com/chrucky/chru-0.html>
- \_\_\_\_\_. **Autobiographical Reflections**: (1973, Published in Action, Knowledge and Reality, edited by H.N. Castañeda (Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1975): 277-93. Hypertext by Andrew Chrucky, June 10, 1999.
- \_\_\_\_\_. CHISHOLM, R. **Intentionality and the Mental: Chisholm-Sellars Correspondence on Intentionality**. (University of Minnesota Press, 1957): Hypertext by Andrew Chrucky, 2001. <http://www.ditext.com/sellars/sccor-f.html>
- \_\_\_\_\_. Empiricism and the Philosophy of Mind, in: **Science, Perception and Reality**, Atascadero: Ridge, 1991.
- \_\_\_\_\_. "Some remarks on Kant's Theory of Experience". **The Journal of Philosophy** 64, 20: 633-647, 1967.
- UNIVERSITY OF UTAH. "The Oldest Homo sapiens ((Linnaeus, 1758): Fossils Push Human Emergence Back To 195,000 Years Ago." **ScienceDaily**. ScienceDaily, fevereiro de 2005.
- WOOD, Justin N.; GLYNN, David D.; PHILIPS, Brenda C.; Hauser, MARC D. The Perception of Rational, Goal-Directed Action in Nonhuman Primates. **Science**, Vol.. 317, N. 5843, Pp. 1402 – 1405 , 2007, DOI: 10.1126/science.1144663.

---

<sup>1</sup> Os *Alouattapalliata* pertencem ao gênero *Alouatta* (Lacépède, 1799) de primatas platirrinos que vivem na zona tropical desde o sul do México, até o norte da Argentina. O gênero é o único classificado dentre da subfamília dos *Alouattinae* (Trouessart, 1897).

<sup>2</sup> Os *Prosimios* (*Prosimii*) são uma antiga subordem de primatas que se caracteriza por suas proeminentes focinhos e longas caudas e, nas espécies mais primitivas, por uma tendência à disposição lateral dos olhos.

<sup>3</sup> Primatas que habitam as Américas do Sul, Central e do Norte.

<sup>4</sup> Primatas que habitam a África e a Ásia.